



RATIO – FACULDADE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA LUCIANE SILVA ALMEIDA RODRIGUES

A LUDICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

FORTALEZA- CE
2019

MARIA LUCIANE SILVA ALMEIDA RODRIGUES

A LUDICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Monografia apresentada ao curso de PSICOLOGIA, pela Ratio – Faculdade Teológica e Filosófica, como requisito parcial para a obtenção do título de BACHAREL EM PSICOLOGIA.

Orientadora: Prof.^a Esp. Rochelly Pinto Cavalcante

MARIA LUCIANE SILVA ALMEIDA RODRIGUES

A LUDICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Monografia como pré-requisito para obtenção do título de BACHAREL EM PSICOLOGIA, outorgado pela Ratio - Faculdade Teológica e Filosófica, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos professores.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Especialista: Rochelly Pinto Cavalcante
Orientador(a)

Prof.^a Dra Virzângela Paula Sandy Mendes
(Convidada)

Prof.^a. Dra. Lucili Grangeiro Cortez
(Convidada)

Dedico este trabalho a Deus, ao meu esposo Geziel, minha filha Laura Pyetra, Minha Mãe Maria de Fátima e meus irmãos Lúcia, Leandro, José, Aldemir e Marilene, pessoas essenciais em minha vida, e que compartilham dos meus sonhos e são presença constante na sua concretização, a qual essa formação é mais um deles.

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão de minha existência, por todas as oportunidades que surgem em minha vida, pela coragem que me dá para superar as dificuldades que aparecem vez ou outra, e pela força que me dá para realizar meus trabalhos, concretizar meus sonhos, inclusive a vitória de mais essa etapa.

Aos meus familiares, em especial minha Mãe e meus irmãos, que sempre estão ao meu lado. Nas horas alegres ou difíceis, me incentivando, apoiando e colaborando. O meu muito obrigada por tudo.

Ao meu esposo e filha, que sempre tem sido estímulo, incentivo, minha inspiração, mão amiga, apoio. Obrigada pela compreensão sempre que precisava me ausentar.

À professora orientadora Rochelly Pinto Cavalcante, pela paciência, pelos conhecimentos repassados proporcionando a ampliação e enriquecimento dos meus conhecimentos. Obrigada.

A todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a elaboração deste trabalho.

“O futuro do aluno envolve sua inserção no mundo do trabalho. Nessa inserção, o jogo de regras representa um papel importante. Por meio dele, a criança é colocada em contato com restrições, limites, possibilidades, enfim, com a vida regularizada e harmônica.” Sem regra não há trabalho e sem trabalho não há regra”

(Macedo, 2012)

RESUMO

Este trabalho é de caráter bibliográfico, que trata sobre a importância da utilização de brincadeiras e jogos nas aulas no ensino infantil e objetivou analisar a importância das atividades lúdicas na Educação Infantil. Os jogos e brincadeiras precisam ser compreendidos como um fator motivador e facilitador da aprendizagem, que estimula as dimensões cognitivas, afetiva, e psicomotora dos educandos. Uma das alternativas para aliar o prazer e o divertimento à aprendizagem. Porém nem sempre isso é fácil, mesmo porque os interesses dos alunos e as solicitações são bem diversos. Se faz necessário atualmente propor que as situações de ensino-aprendizagem possibilitem um trabalho com a dimensão corporal na escola. Nessa perspectiva têm o enfoque nos jogos e brincadeiras como integração do prazer, o aprender, o sabor e o saber. Defende-se uma educação onde o aprendizado do aluno se dê por meio de interações e do convívio com os outros. A compreensão da natureza desse processo envolve o reconhecimento de que ao fornecer atividades como jogos e brincadeiras, prazerosas, de relaxamento, de alegria, de reflexão, o aluno se liberta de suas amarras sociais, alterando seu estado de ânimo de forma a inter-relacionar sentimentos, emoções e intuições, sendo capaz de liberar sua criatividade, espontaneidade e imaginação. Dessa forma o espaço escolar é valorizado como lugar que propicia experiências, grupais, fomentando novos ideais e comportamentos. A pesquisa fundamentou-se nas concepções teóricas de estudiosos dedicados ao tema como Almeida (2004); Leal (2006); Brasil (1998); dentre outros autores considerados referências nos estudos desta questão.

Palavras chave: Jogos. Criança. Professor. Brincadeira.

ABSTRACT

This work is of bibliographic character on the importance of using jokes and games in class in teaching children and aimed to analyze the importance of the activities in early childhood education. The fun and games need to be understood as a motivating factor and facilitator of learning, which stimulates the cognitive dimensions, affective, psychomotor and of students. One of the alternatives to combine pleasure and fun to learning. But that's not always easy, because the interests of students and the requests are quite different. It is necessary today to propose that the teaching-learning situations allow a job with the body dimension in school. From this point of view has the focus on fun and games as integration of pleasure, learning, the taste and knowledge. We put forth a education where student learning is through interactions and socializing with others. Understanding the nature of this process involves the recognition that by providing activities such as fun and games, pleasant, relaxation, of joy, of reflection, the student breaks free from his bonds, altering its social mood in order to interface feelings, emotions and intuition, being able to release their creativity, spontaneity and imagination. That way the school space is valued as a place that provides experiences, promoting new ideals and group behaviors. The research was based on the theoretical conceptions of scholars dedicated to the subject as Abdullah (2004); Leal (2006); Brazil (1998); among other authors considered references in the study of this issue.

Keywords: games. Child. Professor. Joke.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	10
2 - A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL	11
2.1- Concepções de Infância e Educação Infantil.....	11
2.2 - Concepções de Creche e Pré-escola.....	12
2.3. Objetivos estabelecidos para a educação infantil.....	14
3-LÚDICO COMO FATOR ESSENCIAL NO SUCESSO DA APRENDIZAGEM.....	18
3.1– Porque é importante brincar	18
3.2- O lúdico como instrumento pedagógico	20
3.3 - Tipos de lúdico	24
4 - O LÚDICO E O EDUCADOR INFANTIL.....	27
4.1. O lúdico na formação do educador.....	27
4.2. O papel do professor	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada tem como temática: a ludicidade e sua importância para o desenvolvimento infantil. Objetiva analisar a importância das atividades lúdicas para uma aprendizagem significativa em uma unidade escolar infantil. Especificamente objetiva-se reconhecer que através da ludicidade a aprendizagem torna-se mais significativa, entender os objetivos da educação infantil, e reconhecer o papel do professor educacional ao oferecer atividades lúdicas na Educação Infantil.

Assim, essa pesquisa tem como questão norteadora: qual a importância da ludicidade para o ensino e aprendizagem na educação infantil?

Justifica-se devido à compreensão da natureza desse processo envolve o reconhecimento de que ao fornecer atividades lúdicas, prazerosas, de relaxamento, de alegria, de reflexão, a criança se liberta de suas amarras sociais, alterando seu estado de ânimo de forma a inter-relacionar sentimentos, emoções e intuições, sendo capaz de liberar sua criatividade, espontaneidade e imaginação.

Consta de uma pesquisa bibliográfica e tem a pretensão de contribuir com a formação de profissionais que consideram a infância a fase mais importante da criança e o brincar para o seu desenvolver como humano. Como proposta pedagógica para ser trabalhado com crianças em sala de aula, apontando para a necessidade de tornar as aulas mais prazerosas oportunizando ao educador a compreensão do significado da ludicidade na educação infantil.

Dessa forma, conceitua-se aqui o lúdico, demonstra sua importância no desenvolvimento da criança e como um método que viabiliza uma vida prazerosa, estimulante e significativa para a aprendizagem, tendo em vista que é particularmente poderoso para incentivar a participação da criança na sociedade e a construção do seu próprio mundo.

Assim, este trabalho está dividido em tópicos que aborda a infância e a educação infantil. Aprofunda-se nas concepções de infância e educação infantil e nas definições de creche e pré-escola. Apresenta o lúdico como fator essencial no sucesso da aprendizagem, ressaltando porque é importante brincar, tipos de lúdico e sua importância como instrumento pedagógico. Aborda-se o lúdico e o educador infantil, salientando a ludicidade na formação do educador e o papel do professor.

2 A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1- Concepções de Infância e Educação Infantil

Através dos jogos e brincadeiras o professor pode provocar a criança a brincar, inserindo-a dessa forma em seus projetos educativos, com uma intenção direcionada com objetivos claros em relação a sua aplicação de modo que venha a resultar em uma aprendizagem significativa.

Dessa forma o espaço escolar é valorizado como lugar que propicia experiências grupais, fomentando novos ideais e comportamentos. Fazemos uma reflexão teórica a respeito do jogo e da brincadeira como elementos fundamentais no processo de apropriação dos conhecimentos.

A infância é uma fase das brincadeiras e acredita-se que por meio dela a criança pode satisfazer na maioria das vezes o que ela necessita e desejos particulares sendo uma forma de se inserir na realidade, pois expressa a forma como ela organiza, ordena, constrói ou reconstrói o mundo. Quando nascem, as crianças são inseridas em um contexto social. E é na escola onde desenvolvem suas potencialidades e capacidades.

A infância é uma fase da criança como sujeito histórico, faz parte de uma organização social familiar, e constrói a sua cultura no grupo em que convive, marcada pela maneira em que se insere, desenvolvendo-se. A família biológica ou não é um ponto de referência fundamental, apesar das múltiplas interações com as quais estabelece com outras instituições: parentes, escola, amigos, igreja, o posto de saúde. O sentimento de infância era alheio até alguns séculos atrás e por essa razão foi escolhido fonte do autor, como Ariès (1981) que já estudou o assunto em questão, para referenciar bibliograficamente e dessa forma caracterizar o sentimento de infância.

A família é a primeira instância onde ocorre a estruturação da criança como sujeito onde a mesma tem a possibilidade de desenvolver-se e adquire suas chances de sobrevivência e adaptação ao ambiente onde vive. É na família que a criança deixa de ser infante e adquire os valores necessários a uma vida harmoniosa, digna e respeitosa.

A infância é uma invenção da modernidade. A concepção de

infância descrita pelo autor é construída através da história e, que vem mudando com o passar do tempo, não se apresentando de forma homogênea numa mesma sociedade e época ocorrendo contradição e conflitos por consequência de grandes desigualdades sociais presentes no dia-a-dia. (ARIÈS, 1981, p.72)

Ariès (1981) afirma que não foram poucos os fatores que colaboraram para desencadear a formação de um conceito de infância. As crianças eram submetidas a não conviverem com os adultos, a partir do momento em que eram separadas, no decorrer do processo de escolarização. Outro fato que vale ressaltar é o sentimento de família e os brinquedos fabricados especificamente para as crianças. Só no final do século XVII, que a família começou a se organizar enxergando a criança como um ser social e a educação para elas passou a ser essencial.

Com os tempos modernizando-se, uma nova função passou a ser responsabilidade da família: a educação espiritual e moral. Passou a ser da escola a função de educar e preparar para a cidadania, para a vida adulta, usando-se de modos de disciplinar as crianças. Passou-se então a exigir que as escolas educassem as crianças e elas não seriam bem vistas na sociedade.

A partir desta percepção da infância, passa-se a denominarem novas maneiras de tratá-la, visto que ainda se encontrava relacionada a fase de crescimento do adolescente por falta de afirmações coerentes e adequadas a sua definição. Para entender a fase do ser criança, é preciso enxergá-lo como um ser frágil, de menor idade, um ser que precisa se desenvolver emocionalmente para se perceber como gente, como ser humano.

Uma infância moderna com independência, autonomia e liberdade, surgiu no século XVIII, e as crianças no século XIX, passaram a ser tratadas como se fossem miniaturas de adultos. Com a intervenção de educadores, estudiosos e psicólogos, no século XX, um novo olhar foi lançado para elas, enxergando-as como seres que também tem os seus direitos principalmente nessa fase de desenvolvimento. Ressalta então, que a criança e a sua família passa a ocupar um lugar centralizado na sociedade. (ARIÈS, 1981).

2.2 – Concepção de Creche e Pré-escola

Uma creche é um estabelecimento educativo que ministra apoio pedagógico

e cuidados às crianças com idade até aos três anos. Conforme o país e o seu sistema educativo, a creche pode integrar-se na educação pré-escolar ou na educação infantil. As creches podem funcionar como estabelecimentos autônomos, podem ser integradas em outros estabelecimentos educativos mais abrangentes ou funcionar junto de empresas ou serviços para usufruto dos filhos dos seus funcionários. (BRASIL, 1998).

Segundo Luciney (2016) uma creche é um espaço assistido, para o cuidado de bebês e crianças até 3 anos, que ainda não tem idade para frequentar o maternal-escola. Pedagogos responsáveis administram a rotina da criança promovendo o desenvolvimento cognitivo e motor, com os devidos cuidados necessários de higiene e bem estar para cada criança acompanhando a idade.

Sousa (2018) afirma que em muitos países utilizam os serviços da creche quando não tem o tempo integral disponível para os cuidados dos bebês, muitas vezes por motivo de trabalho, deixando-os durante o dia e retornando à tarde para buscá-los. É na creche que o bebê terá as refeições, a rotina de sono, banho e brincadeiras, assistidas por mais de uma funcionária treinada para o serviço. Muitos pais preferem deixar seus filhos na creche que sob cuidados de uma babá por entender que a criança se socializa melhor convivendo com outras crianças e por não assumir o risco de deixá-los sob cuidado de uma só pessoa. Outros entendem que uma só pessoa dedicada a criança cuidará melhor.

A creche, no Brasil, pode ser particular ou do governo, com o mesmo objetivo. Ambas diferenciam-se por serviços complementares, como mais profissionais por grupos de crianças, refeições ou outros idiomas além do português. Por este motivo, algumas creches particulares chegam a custar anualmente aos pais, mais do que uma universidade. No modelo contemporâneo da educação infantil, a creche é então concebida e valorizada por sua função formadora das crianças como sujeitos históricos e culturais. Esse modelo ganha força quando os professores passam a ser considerados como importante apoio relacional e afetivo e como mediadores de relações significativas para as crianças, e também com o crescimento da consciência de que, embora compartilhem a educação das crianças com os membros da família, exercem funções diferentes destes. (SOUSA, 2018).

Sousa (2018) ressalta que a ampliação do entendimento acerca do papel peculiar da creche em relação a outros contextos de educação da criança aponta assim para um modelo que profissionaliza suas práticas. Essa função formadora de sujeitos históricos e culturais também se verifica na valorização atual das aprendizagens que ocorrem nas relações estabelecidas entre as crianças.

O autor salienta ainda que organizam-se tempos e atividades que promovem a interação das crianças de mesma idade, assim como de crianças de idades diferentes,

gerando oportunidades interativas complexas. As crianças exercem e constroem a capacidade de negociar em posições homogêneas e menos hierarquizadas do que aquelas estabelecidas nas interações entre adultos e crianças.

Hoje, estamos convencidos de que essas oportunidades constroem as capacidades das crianças de criar estratégias e posições em relação ao comportamento dos parceiros. Ao longo dos últimos anos, tem crescido a consciência coletiva acerca das necessidades educativas das crianças de 0 a 3 anos e as creches têm se consolidado como tempo/espço construído culturalmente para possibilitar a ampliação das experiências assim como o desenvolvimento das potencialidades cognitivas, estéticas, sociais e relacionais da criança em grupo.

2.3. Objetivos estabelecidos para a educação infantil

De acordo com a LDB/96, a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, e tem como finalidade “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996). Sabe-se que, hoje, por força de Resolução governamental, a educação infantil alcança crianças na faixa etária de zero a cinco anos de idade.

Para dar uniformidade à Educação Infantil, o Ministério da Educação estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), as quais se baseiam em três princípios:

Princípios Éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferenças culturais, identidades e singularidades;
Princípios políticos dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
Princípios Estéticos da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artística e culturais (BRASIL, 2011, p. 33).

A partir desses princípios, as DCNEI estabelecem os objetivos da educação Infantil, cabendo destacar alguns deles, como: assegurar às crianças a manifestação de seus interesses, desejos e curiosidades ao participarem das práticas educativas; valorizar as produções individuais e coletivas das crianças; promover a formação participativa e crítica das crianças; oferecer condições para que as crianças aprendam a considerar os sentimentos e a opinião dos outros;

possibilitar às crianças apropriar-se de diferentes linguagens e saberes que circulam na sociedade (BRASIL, 2011).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 27-28), é preciso que as instituições escolares criem um ambiente acolhedor onde a crianças possam se sentir segura, e que os pais possam confiar que eles se desenvolverão de forma significativa e acreditarem que a ela serão garantidas, especificamente, às crianças de zero a três anos, meios para se tornarem capazes de:

Experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia;
 Familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo progressivamente seus limites, sua unidade e às sensações que ele produz;
 Interessar-se progressivamente pelo cuidado com o próprio corpo, executando ações simples relacionadas à saúde e higiene;
 Brincar;
 Relacionar-se progressivamente com mais crianças, com seus professores e com os demais profissionais da instituição, demonstrando suas necessidades e interesses. (BRASIL, 1998, p.27- 28).

Quando se referem às crianças de quatro a seis anos, estabelecem que os mesmos objetivos que foram estabelecidos para as crianças de zero a três anos devem ser contemplados de maneira mais ampla de modo que garanta às crianças desenvolverem habilidades e competências que as torne capazes de:

Ter uma imagem positiva de si, ampliando sua autoconfiança, identificando cada vez mais suas limitações e possibilidades e agindo de acordo com elas;
 Identificar e enfrentar situações de conflitos, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade;
 Valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração e compartilhando suas vivências;
 Brincar;
 Adotar hábitos de autocuidado, valorizando as atitudes relacionadas com a higiene, alimentação, conforto, segurança, proteção do corpo e cuidados com a aparência. (BRASIL, 1998, p.28-29).

Se no cotidiano escolar forem dada a devida atenção na seleção de atividades que sejam coerentes com os objetivos traçados e houver um acompanhamento permanente do desenvolvimento da criança quanto a autonomia e até mesmo sua independência os objetivos aqui ressaltados serão alcançados. É

preciso que seja oferecida às crianças oportunidades de vivenciar processos de escolhas, de tomada de decisões.

A capacidade de realizar escolhas amplia-se conforme o desenvolvimento dos recursos individuais e mediante a prática de tomada de decisões. Isso vale tanto para os materiais a serem usados como para as atividades a serem realizadas. Podem-se criar situações em que as crianças fazem suas escolhas entre várias opções, em locais distintos ou no mesmo espaço. (BRASIL, 1998, p. 39).

De acordo com Brasil (1998), esta pode significar uma maneira de proporcionar uma integração entre os alunos de várias idades. A escola no cotidiano pode até achar mais fácil que os adultos tomem todas as decisões e centralizá-las, decidindo o que fazer e como, quando e com quem vai fazer, mas isso não contribui em nada para um ambiente acolhedor, pois pode obter como resultado um ambiente autoritário, e dessa forma não haverá espaço para o exercício da autonomia. Se faz necessário que se ofereça às crianças condições favoráveis ao desenvolvimento de suas responsabilidades, de modo que elas possam decidir por si mesmas o que achar melhor.

Tradicionalmente, as instituições de ensino costumam ter como conceito que aluno disciplinado é aluno que não conversa não faz bagunça, do contrário é definido como aluno indisciplinado. Embora essa definição se concretize mais no ensino fundamental, é uma visão que contribui também nas práticas do ensino infantil. (BRASIL, 1998).

A criança não tem que ser uma criança quieta, obediente, silenciosa, imóvel, para ser uma criança educada. Esse tipo de comportamento é inaceitável e incoerente com um projeto pedagógico que valoriza a criança que toma suas próprias iniciativas e interage junto aos outros com suas ações e atitudes. Ainda de acordo com Brasil (1998: p. 63), nos objetivos gerais estabelecidos para a educação infantil, para que a sua prática promova o desenvolvimento das capacidades das crianças, devem-se observar os seguintes:

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- Estabelecer e ampliar cada vez mais relações sociais, aprendendo

aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com as demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;

Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;

Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades; utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes situações e intenções de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;

Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade. (BRASIL, 1998: p. 63).

Estabelecidos essas colocações pretende-se que se ampliem as possibilidades de se concretizar o que está ao seu alcance, visto que se visa aqui é a ampliação das capacidades e não da maneira como a criança se comporta. Assim, torna-se possível ampliar o atendimento à diversidade que as crianças apresentam, considerando as diversas maneiras da criança se desenvolver. Para que isso aconteça, é preciso que sejam planejadas ações que venha a proporcionar o desenvolvimento das capacidades e aquisição de habilidades das crianças. E a ludicidade pode contribuir de forma significativa para essa concretização.

3- O LÚDICO COMO FATOR ESSENCIAL NO SUCESSO DA APRENDIZAGEM

3.1 - Porque é importante brincar

Brincar é muito bom, deixa a pessoa feliz, alegre, e torna fácil o convívio com outros que o cercam. É uma das características essenciais na vida tanto das crianças como dos adultos. Brincando se aprende a compartilhar, a seguir normas, regras, a relação coletiva, a conviver em harmonia com o próximo. Além disso, se desenvolve e se aprende com prazer.

Brincando, a criança se desenvolve socialmente, torna-se mais amigo, aprende a respeitar o direito tanto seu como dos outros através das normas que são estabelecidas pelo jogo e pela brincadeira ou até mesmo pelo grupo. Brincando a criança participa de forma mais ativa pelo simples fato de poder brincar, se divertir de forma criativa e estimulante. (BRASIL, 1998).

Bezerra (2018) afirma que a criança pode ser preparada para o futuro brincando, porque dessa forma ela nutre sua vida e descobre que ele pode dar sentido à sua própria vida. Brincar não é apenas se divertir, mas aprender a ser uma pessoa estudiosa, disciplinada, se socializando, construindo significados e descobrindo o seu potencial.

Para que as crianças e os jovens possam ampliar as suas capacidades de inventar, de criar é essencial que haja uma diversificação das atividades e ofertar-lhes, na escola, brincadeiras e jogos direcionados e bem conduzidos ao objetivo que se deseja alcançar, pois é por meio do modo de fazer do professor que a aprendizagem ocorre de maneira significativa.

É importante trabalhar a brincadeira desde a educação infantil e dar continuidade no ensino fundamental porque são fases onde se amplia todas as informações do mundo do estudante. É fundamental que se ofereça um ambiente rico em possibilidades porque a complexidade da fantasia das crianças e adolescentes nessa fase é grande. De acordo com Brasil (1998, p.27):

A brincadeira é uma linguagem que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação. Isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se.

(BRASIL, 1998, p.27).

Nessa perspectiva, é preciso que seja dado novos significados ao brincar, apropriando-se de características da realidade das crianças, articulando entre a imitação e a imaginação. Assim sendo, proporciona a vivência de ideias e emoções.

São muitas as vantagens de se trabalhar com os jogos, pois o seu uso proporciona o aprender brincando, desperta o interesse do aluno e faz com que eles adquiram a habilidade de tomar decisões, discutir as regras, as normas, sugerir, analisar, ser responsável uns pelos outros, aprender de verdade de forma divertida.

Brincar eleva a auto-estima dos alunos, auxiliando-os a adquirir novos conhecimentos de forma mais estimulante e criativa. As brincadeiras contribuem para a transformação dos conhecimentos prévios em definições gerais com os quais brinca. (BRASIL, 1998).

O que a criança já sabe inicialmente, ampliam-se quando começa imitar alguém ou algo conhecido, ou aprende com as experiências vividas na família, na rua, na escola, com as conversas com colegas, com os lápis ou pessoas da família, ou até mesmo imitando cenas que assiste na televisão, ou imitando o que ouve ou ler nas histórias em livros.

É bastante diversificada a fonte as quais adquiriu seus conhecimentos. É no ato de brincar que o aluno estabelece vários vínculos entre os conceitos do seu papel quando assume suas habilidades e competências e as relações que possuem com outros papéis. A partir de então, ele conscientiza-se do que é importante e necessário e generaliza para outras situações. (SANTOMAURO, 2008).

Embora a brincadeira seja uma atividade livre e espontânea, ela não é natural, mas uma criação da cultura. O aprendizado dela se dá por meio das interações e do convívio com os outros. Por isso a importância de prever muito tempo e espaço para ela. (SANTOMAURO, 2008, p. 50).

Temos a capacidade de desenvolver a imaginação e é essa habilidade que o brincar traz. Só temos que saber o que propor. É muito importante brincar no ensino infantil porque essa é uma fase de ampliação do universo de informações. A sua imaginação aflora dependendo do que vive no seu cotidiano. Por isso, é

fundamental oferecer ambientes ricos em vantagens para desenvolver um trabalho eficaz.

Os alunos se animam com brinquedos de encaixe, mas no ensino infantil os jogos de regras não tem muito destaque, devido eles exigirem que se cumpra normas, que se concentre e saiba raciocinar, dando sentido aos simbólicos, principalmente. (SANTOMAURO, 2008).

Diante disso, as crianças devem ter acesso a uma maior variedade possível de brinquedos na sala de aula. Dentre eles pode-se citar: as pedrinhas, tampas de garrafas, palitos, canudos, madeira, plásticos, latinhas, caixas de papelão.

Desse modo, possibilita-se um cenário onde a criança pode apreciar, fantasiar, criar, experimentar, produzir seus próprios objetos usando a sua imaginação e ampliando sua criatividade.

Não pode faltar a atividade de linguagem oral. Por que coloca-se um importante desafio em linguagem oral: não apenas falar, mas antecipar e planejar o que se quer dizer. Para que isso aconteça, ou seja, para que a oralidade seja usada cada vez mais e de melhor forma, é preciso trabalhá-la diariamente com base em diferentes temas, contextos e interlocutores. (SANTOMAURO, 2008, p. 51).

Todos os recantos da unidade escolar deve ser um ambiente capaz de incentivar e estimular a comunicação tanto verbal como de outras formas. Todos os recantos da escola, ou seja: corredor, sala de aula, refeitório, quadra de esportes, sala de leitura, cantina, pátio etc. têm a mesma função: são usados para conversar, fazer amizades, compartilhar ideias, oportunizando a todos o desenvolvimento desta habilidade: a de se comunicar.

Alunos que utilizam a linguagem para aprender, aprendem de forma significativa. Essa aprendizagem pode ser enriquecida por meio das brincadeiras e jogos, com a diversidade textual, que já colabora para ampliar o repertório verbal do aluno desde a pré-escola.

3.2- O lúdico como instrumento pedagógico

Só se pode ter um novo educando se pararmos de insistir em uma educação reprodutora, repetitiva, e sem criatividade. Temos que fazer com que a escola deixe de ser um mero depósito de educandos e se torne agradável a eles. E apenas por meio de ideias novas e um novo jeito de caminhar, tendo como foco a interação entre a atividade lúdica e a prática educativa, será possível formatar um

novo futuro dinâmico e ágil. Leal (2006) afirma que o jogo e a brincadeira são muito importantes pois enquanto estimula o desenvolvimento intelectual da criança, também ensinam hábitos necessários ao seu crescimento.

De acordo com Leal (2006), os objetivos pedagógicos devem nortear o uso de atividades lúdicas no processo de alfabetização: brincar por brincar pode ser divertido, mas não necessariamente contribui para o processo de ensino-aprendizagem. As atividades podem contemplar objetivos diversos; cabe ao professor e a professora focalizar cada momento com estratégias específicas, o que interessa para cada turma.

Leal (2006), enfatiza que o “planejamento é essencial para o sucesso de cada atividade”. E cada uma delas deve ser articulada com as outras (anteriores e posteriores), para que a aprendizagem se dê progressivamente, sempre conduzindo ao momento/produto final.

O mero improviso também não deve conduzir a escolha de jogos para apropriação do sistema de escrita: realizar determinado jogo como atividade esporádica exige reflexão do professor e da professora sobre a contribuição desse jogo no processo de alfabetização dos alunos que dele participarão. (BRASIL, 1998)

A motivação pelo prazer é o princípio de tudo e deve ser realimentada a cada etapa dos projetos a serem executados na classe. Alunos motivados se envolvem mais facilmente nas atividades e, conseqüentemente, estão mais dispostos a aprender. (LEAL, 2006).

Ao utilizar um jogo com os alunos não se deve realizá-lo uma vez apenas, mas jogar algumas vezes, uma vez por semana, ao pelo menos durante um mês. Esse procedimento permite que os alunos se apropriem do jogo, de suas regras e dos conhecimentos matemáticos nele envolvidos. Algumas vezes, após o jogo, é interessante também propor algum tipo de registro sobre o jogo. (ROGALSKY, 2018)

Brasil (1998) afirma que dependendo do material, ou seja, dos recursos utilizados é que se apresenta o brincar. Isso inclui permitir ao aluno que tenha experiências prazerosas, de sucesso, e também que adotem atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações lúdicas, buscando solucionar os conflitos que surgem vez ou outra de forma não violenta.

Vale lembrar que a criança deve ser considerada em seu todo em todos os aspectos sejam eles: cognitivos, afetivos ou corporais. A vivência lúdica é o ponto forte e importante para o processo de aprendizagem, pois, aprendem se divertindo com os desafios adequados a sua faixa-etária. No ensino fundamental, as regras ganham maior destaque. É importante, contudo, considerar o nível da turma e ficar atento à diversidade.

De acordo com Andrade (2009) o riscar e aprender é visto como uma alternativa barata e simples para aproveitar espaços vazios. Jogos com giz desenvolvem as habilidades corporais e o aprendizado de regras.

Traçar linhas no chão e recolher um punhado de pedrinhas é o que basta para brincadeiras com giz. Por terem normas versáteis, elas são adaptáveis não só na Educação Infantil, mas também no Ensino Fundamental. Além de serem feitos em qualquer espaço, em um pátio ou na própria sala, esses jogos são ótimos para trabalhar o movimento no dia-a-dia. Todos os jogos com a utilização do giz, após as brincadeiras o giz vai embora fácil com água e o espaço fica pronto para ser o cenário de novos jogos e descobertas. Todos os jogos com a utilização do giz, após as brincadeiras o giz vai embora fácil com água e o espaço fica pronto para ser o cenário de novos jogos e descobertas. (ANDRADE, 2009).

Através de jogos pode-se ensinar a se movimentar, a falar, a contar e a obedecer regras. Só é preciso encontrar o equilíbrio necessário e saber que alguns alunos não responderão de pronto a todas as regras. Para Gurgel (2006) “ao impor desafios o jogo ensinam os alunos a encarar vitórias e derrotas com naturalidade”. Viver em sociedade significa lidar com regras o tempo todo e na escola não é diferente. Os jogos, as regras, aqueles que se joga em grupos segundo normas pré- estabelecidas e visando um objetivo, são importantes. Além de mostrar que as restrições podem representar desafios divertidos, eles desenvolvem questões importantes, como a adequação a limitação, a cooperação e a competição.

Quanto mais experiências corporais o aluno tiver, maiores são as chances de refinar seus movimentos. Com isso é possível que o educando identifique partes do corpo. Para isso o professor precisa falar do esquema corporal.

A música também é uma linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e

comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos. (BRASIL, 1998, p. 45).

A ludicidade ganhou espaço não só na Educação Infantil, mas na educação brasileira e com as diversas pesquisas e estudos realizados sobre o tema, já não há mais dúvida de que o lúdico têm importância fundamental para o desenvolvimento físico e mental da criança, auxiliando na construção do conhecimento e na socialização, englobando, portanto, aspectos cognitivos e afetivos.

Sousa (2018) afirma que o lúdico é um importante instrumento pedagógico, nem sempre valorizado e muitas vezes, quando utilizado, é feito de forma aleatória, sem objetivos bem definidos. A ludicidade tem o poder de valorizar uma área que quase sempre é desprezada pela escola: a intuição da criança.

O jogo é visto como uma das alternativas para aliar o prazer e o divertimento à aprendizagem. Porém nem sempre isso é fácil, mesmo porque os interesses dos alunos e as solicitações são bem diversos. Nessa perspectiva, deve-se propor em sala de aula situações de ensino-aprendizagem que possibilitem um trabalho com a dimensão lúdica.

Para Gurgel (2006, p. 72) “ao impor desafios os jogos ensinam os alunos a encarar vitórias e derrotas com naturalidade”. Viver em sociedade significa lidar com regras o tempo todo e na escola não é diferente. Os jogos, as regras, aqueles que se joga em grupos segundo normas pré-estabelecidas e visando um objetivo, são importantes na educação infantil. Além de mostrar que as restrições podem representar desafios divertidos, eles desenvolvem questões importantes, como a adequação a limitação, a cooperação e a competição. Brasil (1998) ressalta que:

As artes visuais também expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos etc... (BRASIL, 1998, p. 45).

De acordo com Abbagnano (1998) o jogo é uma atividade que tem o fim nele mesmo, ou seja, sua mola propulsora é o prazer intrínseco e não o efeito ou resultado que dele deriva. Não apenas na perspectiva de proporcionar a vivência, mas principalmente, de possibilitar um conhecimento que supere a visão do senso comum presente no cotidiano dos nossos alunos. Da cultura de nosso povo, de nossas ruas e quintais, para dentro dos muros da escola. Para Huizinga (2004):

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana” (HUIZINGA, 2004, p.33).

Diante disso, o jogo é uma ferramenta muito importante e essencial na Educação Infantil. Ele não pode ser inserido na metodologia só com a intenção de oferecer recreação para as crianças e sim ter objetivos claros de modo que proporcione uma aprendizagem significativa aos educandos.

Tudo pode virar brinquedo para a criança. Objetos do dia-a-dia e sucata servem de estímulo para o faz de conta nas salas de aula. A imaginação dos alunos cria o resto.

3.3- Tipos de Lúdico

Existe uma diversidade enorme de brincadeiras que faz com que as crianças movimentem-se. Pode citar dentre elas: pular corda, saltar, correr, e outros. Soares (2005) ressalta que existem exercícios que unem ginástica e geometria. Caixas de papelão se transformam em cubos, paralelepípedos e pirâmides de diversos tamanhos, unidos pelas pontas com rolha, viram vários bambolês. As formas geométricas pintada, viram peças do jogo.

Divide –se a classe em quatro grupos, cada um representando uma cor. Em seguida, ela distribui as formas geométricas pela quadra deixando às caixas e um arco verde a frente da equipe verde e assim por diante. Terminada a organização do espaço, começam os exercícios corporais. “Peço os alunos para saltar o cubo, se agachar ao lado do paralelepípedo, contornar a_pirâmide e pular dentro do arco”. Explica. Na etapa seguinte. Trocam-se os comandos para complicar a brincadeira. Assim, se a criança antes saltou o cubo, agora vai precisar se agachar ao lado dele. É possível fazer variações com relação ao tamanho das caixas e arcos. (SOARES, 2005, p.56)

Essa atividade pode tornar-se interdisciplinar, e trabalhar a habilidade corporal e social enquanto ajuda a turma a aprender os nomes dos sólidos e das formas geométricas. Além disso, desenvolve a agilidade, a velocidade e a precisão dos movimentos, entre outras habilidades.

A dança é uma educação pra lá de física. Dançar é uma das maneiras mais divertidas e adequadas para ensinar, na prática, todo o potencial de expressão do corpo humano. Enquanto mexem com os braços, as pernas, o tronco, os alunos aprendem sobre o

desenvolvimento físico. Introduzir a dança na escola equivale a é um ótimo recurso para desenvolver uma linguagem diferente da fala e da escrita, aumentar a sociabilidade do grupo e quebrar a timidez. E o melhor: o trabalho pode ser feito com turmas de todas as idades e de forma interdisciplinar, envolvendo as aulas de arte se de educação física. Com a dança, une-se a cultura popular a consciência corporal. (ARAÚJO, 2005, p.50)

Existem alguns jogos populares muito importante quando usados adequadamente, que vale ressaltar. São eles: amarelinha (sapata, maré, pula macaco), bola queimada (caçador, baleado, mata-mata), bets (taco, betiada), Bilboquê (Biblioquê), ioiô, pião (pinhão), bugalha (cinco Marias, ossinhos), gude (burguinha, birosca) Pegador (pega-pega), pular corda, boca de forno. O dia e noite é uma brincadeira muito conhecida, que dispensa maiores descrições. A posição dos alunos pode ser ora de pé, ora deitados, ora sentados.

As crianças organizam-se em duas colunas com o mesmo numero de participantes em cada uma delas. Uma das colunas, a da direita dos sujeitos, será denominada “Dia“, por exemplo, os integrantes dessa fogem dos que formam a coluna da “Noite”, para sua direita, evitando ser pegos, até certo lugar que for considerado como limite. Se o sinal for “Noite”, ocorre o contrário. (FREIRE, 2009, p.118).

São jogos que podem ser ensinados na Educação Infantil. São atividades que acabam virando uma algazarra, mas diversifica as atividades e com certeza é a aula mais esperada pela a garotada, pois é a hora em que eles aprendem se divertindo.

Brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona idéias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio conhecimento.(NEGRINE, 1994, p.41)

Assim, participar de jogos é um dos aspectos que devem ser realizados nas aulas, principalmente na educação infantil, porém não é o único. É preciso pensar sobre o que a aula sobre jogo irá contribuir na vida cotidiana da criança.

De acordo com Seduc (1996) as crianças crescerem e se desenvolverem não podem ser vistos de forma fragmentada e os jogos devem ter os seguintes objetivos para facilitar a criança:

Conhecer o seu corpo e do outro; O desenvolvimento físico e a formação da moral;A exploração do espaço e do tempo; O respeito a si e ao outro; A cooperação e a participação ativa no grupo; Aprender a lidar com regras e limites; A auto-confiança e a afetividade; A liberação das tensões; A formação de laços afetivos; O prazer e a alegria. (SEDUC, 1996, p.06).

Nos Jogos e Brincadeiras o papel do educador infantil é o de oferecer desafios, com segurança física e afetiva; facilitar e estimular o desenvolvimento e a aprendizagem; colocar limites, isto é, orientar para que cada criança aprenda a ter respeito por si mesma, pelos outros e pelo ambiente. Os estilos de jogos são classificados conforme a intensidade.

Jogos calmos: Onde a atividade da criança é mais mental e sensorial que motora; Quando há movimentos, estes são calmos, geralmente com mãos e braços. Jogos moderados: Onde a participação das crianças pode ser alternada: ora o grupo todo se movimenta, ora uma parte apenas observa. Nestes jogos os movimentos são moderados, As crianças andam mais do que correm. Jogos agitados: Onde todo o grupo participa ativamente, geralmente correndo e agitando-se muito.

O trabalho educativo assim possibilita que as crianças conheçam e dê novo significado a outros sentimentos, novas ideias, transformando os seus costumes e adquirindo valores e costumes.

4 O LÚDICO E O EDUCADOR INFANTIL

4.1- O lúdico na formação do educador

As atividades lúdicas dentro das instituições escolares, principalmente no ensino infantil é essencial e fundamental na promoção de uma aprendizagem significativa. Para tanto, se faz necessário resgatar o espaço para as brincadeiras com as crianças da Creche ou escola.

Portanto, o professor precisa ter uma formação, qualificação que garantam a realização de um trabalho com eficácia e eficiência que garantam e dê condições de atuação na sala de aula.

A esperança de uma criança, ao caminhar para a escola é encontrar um amigo, um guia, um animador, um líder - alguém muito consciente e que se preocupe com ela e que a faça pensar, tomar consciência de si de do mundo e que seja capaz de dar-lhe as mãos para construir com ela uma nova história e uma sociedade melhor. (ALMEIDA, 2004, p.195).

O alcance desses objetivos depende, além de diversos fatores, da competência técnica e política do professor, elementos que ele só poderá adquirir através de uma boa formação. Por essa razão, a LDB/96 estabelece, em seu Art. 62, que a formação de docentes para atuar na educação básica deverá ser feita em instituições de ensino superior e que, no caso da educação infantil, o docente também pode ter formação mínima de nível médio na modalidade normal (BRASIL, 1996, p.26).

Ou seja, ninguém mais pode estar na sala de aula de educação Infantil como docente sem que esteja legalmente amparado para isso, isto é, sem que possua formação adequada. A formação docente cumpre, inicialmente, uma função legal. Essa exigência para o exercício docente decorre principalmente da importância que tem o educador infantil, conforme reconhece Antunes (2008), para quem “a mais importante de todas as profissões é inquestionavelmente a do (a) educador (a) infantil”, mesmo diante da desvalorização profissional e do desprestígio social com que é encarada.

Autores como Cruz (2000) compartilham da mesma ideia, quando afirmam que o professor tem uma função especial na vida de muitas crianças. Ele não é apenas um adulto a mais com que as crianças convivem: “Ele tem a tarefa de

cuidar e educar crianças que estão sob a sua responsabilidade, assumindo um papel privilegiado no desenvolvimento deles” (CRUZ, 2000, p. 29).

Para que isso aconteça da melhor forma possível, o professor precisa conhecer as características de cada estágio do desenvolvimento da criança, aprimorar a sua sensibilidade para entender as necessidades, de cada criança, aprender a lidar com a diversidade cultural e criar um ambiente seguro, estimulante e alegre. Além de tudo o que já foi exposto, como uma de suas tarefas é favorecer a ampliação, enriquecimento e sistematização dos conhecimentos que a criança possui, precisa não só adquirir diversos conhecimentos, mas, principalmente, cultivar uma atitude de curiosidade, respondendo com entusiasmo às novas possibilidades de conhecimento (CRUZ, 2000). Somente uma boa formação pode dar ao professor tais elementos conhecimentos.

De acordo com Antunes (2008) algumas exigências são necessárias ao docente da educação infantil. O educador infantil precisa, segundo o referido autor: ter amor e gostar de crianças; ser um profissional desafiador, inquieto, responsável e estudioso; ter o domínio de estratégias diversificadas de ensino; ser um especialista em jogos no sentido de explorar todas as inteligências e maneiras de pensar da criança; comprometer-se com a profissão e com o trabalho. Para que o professor possa adquirir condições de satisfazer a todas essas exigências, a formação é indispensável.

Segundo as Orientações Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2011), a formação do professor de educação infantil deve levar em consideração diversos aspectos. Neste documento, está definido o seguinte perfil para o professor da educação infantil: gostar de crianças; agilidade; bom preparo físico; ética; saber ouvir os relatos infantis; ser firme e amável ao mesmo tempo; saber acolher as crianças e seus familiares; ser criativo; querer aprender; utilizar roupas adequadas; não deixar as crianças sozinhas; nunca dar as costas às crianças; trabalhar seu tom de voz; gostar de música; saber contar histórias; conhecer as áreas do conhecimento a serem trabalhadas; ler e executar a proposta pedagógica e o regimento interno da instituição; saber elaborar projetos de ação pedagógica; decorar e redecorar o ambiente sempre que necessário; expor as produções das crianças.

Essa forma de pensar a formação do professor da Educação Infantil também é reforçada no Programa de Formação Inicial para Professores em

Exercício da Educação Infantil (PROINFANTIL) quando estabelece os seguintes pontos como metas da formação de professores: reconhecer-se como profissional da educação; promover a educação para a cidadania, para a paz e a solidariedade humana; compreender a instituição de educação Infantil como espaço coletivo, em parceria com a família e a comunidade, de educação e cuidado de crianças com idade entre 0 e 5 anos; promover ações que assegurem um ambiente saudável, higiênico e ecológico na instituição de educação infantil; comprometer-se com o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças; dominar o instrumental necessário para o desempenho competente de suas funções de cuidar/educar a crianças; dominar estratégias de acesso, utilização e apropriação da produção cultural e científica do mundo contemporâneo (PROINFANTIL, 2005).

Apesar da importância da formação do educador infantil, alguns autores chamam a atenção para o fato de que as formações atuais de professores estão muito mais ligadas aos interesses do sistema econômico e social vigentes do que com a própria qualidade do trabalho do professor em sala de aula.

A posição de Kramer e Leite (1998) é de que a formação do profissional de educação infantil deve contemplar aspectos distintos, que não apenas de aplicabilidade imediata ao fazer pedagógico ou que digam respeito aos conhecimentos eminentemente científicos, no sentido dos elementos curriculares objetivos, que obedecem ao desenvolvimento da razão, desconsiderando, na maior parte das vezes, da emoção, do corpo, da criação.

Essa preocupação com a qualidade da formação do professor de educação infantil é também abordada por Martins (2008). A autora reconhece que muitos dos programas de formação continuada são implantados sem os devidos critérios, ou seja, “acabam sendo oferecidos, a título de formação continuada, cursos de curta duração, palestras e seminários que não têm o poder de acompanhar a evolução do professor nem de mudar a forma como ele trabalha” (MARTINS, 2008,p. 56). Autores como Pimenta e Ghedin (2012), reforçam a ideia de que é preciso ter muito cuidado com as formações de professores atuais, visto que há uma tendência muito forte em se fornecer ao professor competência exclusivamente técnica, em detrimento da competência política.

São ilusórias as propostas de baratear a formação (...) em licenciaturas rápidas, ou curtas, que são apenas um verniz, que dá títulos; a educação superior (nas universidades, acrescento) deve ser requisito para formar professores. SANDOVAL, 1996, *apud*

PIMENTA; GHEDIN, 2012, p. 47).

Para a superação desse dilema, os referidos autores entendem que o professor se forma também na própria prática a partir do momento em que reflete sobre ela. Sem formação de educadores, não é viável qualquer política e qualquer avanço da qualidade da educação infantil, devendo-se investir na capacitação desses agentes, evitando-se os treinamentos curtos e priorizando uma formação que leve à teorização, à crítica, à autonomia.

O perfil desse educador passa pelo domínio do conhecimento sobre o desenvolvimento da criança; por sua vez deverá ser possuidor de várias qualidades pessoais como responsabilidade, afetividade e criatividade; de relações interpessoais que favoreçam uma convivência saudável de respeito e confiança, entre as crianças e suas famílias; comprometido com a comunidade e atualizado na visão de mundo, que acredita na capacidade empreendedora dos homens e como tal, na criança, enquanto um sujeito social que pensa, amplia e constrói ele próprio, conhecimentos diversos.

De acordo com Ribeiro (2007), compete a este profissional educador, cuidar e educar esta criança de forma integrada, num trabalho articulado e sistematizado com a família e a creche/pré-escola ou outro serviço de atendimento.

O autor a cima citado ressalta que a formação do educador deve possibilitar o enfrentamento dos desafios pedagógicos cotidianos de, intencionalmente, intervir, ensinar e aprender, partindo do contexto sócio-cultural local. Ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento, ampliação e elaboração de conhecimentos novos, dos diferentes segmentos envolvidos nesse processo de construção coletiva (crianças, famílias, educadores, comunitários, dentre outros).

A família sempre exerce a influência mais fundamental no desenvolvimento afetivo e intelectual da criança, antes, durante e depois da escola. Além disso, a família existe inclusive onde não existem escolas. Toda família, independentemente das circunstâncias que a caracterizam (pobre ou rica, rural ou urbana), cria seu próprio conjunto de valores e condutas, conhecimentos e atitudes, que a criança adquire através de um processo de interação e influência recíproca com os pais, irmãos e irmãs e outros membros da família. (RIBEIRO, 2007, p. 09).

Ribeiro (2007), acrescenta que a família é o primeiro educador da criança e na realidade a função educativa é uma das tantas funções da família (embora sem

dúvida a mais significativa) como instituição completa e complexa cuja participação no desenvolvimento psicológico, físico, intelectual e moral da criança e em seu pleno bem-estar, se estendem desde a infância até a vida adulta.

Várias pessoas da constelação familiar interagem com a criança: pais, avós e irmãos. No entanto, a interação mais marcante é com a mãe ou “figura de apego”, com quem, a criança tem uma relação exclusiva antes do nascimento e preponderante nos primeiros e definitivos dias de vida.

Levar a informação para a mãe, ou seja, “fazer a cabeça da mãe” é, sem dúvida, o maior e mais duradouro investimento, pois seu raio de ação abrange toda a família. “Fazer a cabeça do pai” não é menos importante. Tradicionalmente, o pai tem dificuldade de se tornar presença atual no desenvolvimento e na satisfação das necessidades básicas da criança e por vezes, é apenas um “hóspede querido”.

De acordo com Ribeiro (2007) investir nesta direção, explorando o papel da figura paterna desde a concepção, significa sensibilizá-lo para a importância da sua participação em todos os momentos da vida da criança. Este envolvimento concreto tem repercussões muito positivas na vida familiar em si, como também para o desenvolvimento mais equilibrado da criança.

Entretanto, é na esfera afetiva que a criança apresenta ganhos significativos com a presença paterna. Esse conjunto de relações que aos poucos a criança vai compreendendo e (re) construindo, faz com que ela perceba a família como seu primeiro grupo social, portanto, de grande relevância para sua vida presente e futura.

Na escola, a interação e as vivências dos alunos precisam ser objetos importantes no processo de educação. Uma escola de qualidade, faz com que o aluno passe a ter uma visão de mundo interessante, onde o homem respeita os outros homens, que são competitivos, mas solidários; onde o conhecimento é de todos, porque todos o constroem, assim podendo se constituir mais humanos e mais fraternos. (RIBEIRO, 2007).

Para tanto, é preciso que os educadores tenham uma formação coerente com a proposta educacional para os alunos que vivem neste novo século. Uma proposta que, efetivamente, aumente a autonomia dos segmentos que a constituem: crianças, jovens, pais educadores e comunitários. Para isso é fundamental que eles tenham como objetivo educar e cuidar dos alunos.

Segundo Brasil (1998) na formação do educador para o atendimento na família e na escola é preciso estar presente o respeito à dignidade e os direitos das

crianças e da comunidade onde elas estão inseridas, bem como a relação da escola com a família e a comunidade. Tem-se claro que a formação profissional de quem trabalha com as crianças é de fundamental importância para que se alcance esta meta. Os grandes que cuidam e educam as crianças, precisam se qualificar adequadamente. A formação de educadores se faz necessário para que a sua convivência com os alunos se estabeleça em um ambiente onde todos possam se sentir seguros, confiantes, afetuosos, incentivados, elogiados e onde os limites lhe são apresentados de maneira definida e clara.

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, título VI, art.62. 1996).

Com o intuito de permitir que os profissionais buscassem uma qualificação adequada, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, considerou a necessidade de um tempo que permitisse essa incorporação da escolaridade dos profissionais para que eles pudessem caminhar rumo ao aperfeiçoamento de sua habilidade e desse modo garantir a sua inserção, admissão a vaga de educador, de professor. Tendo em vista que a Lei dispõe no título IX, art.87, que: “até o final da década da educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço”. Isto quer dizer que cabe às instituições de ensino oferecer cursos para que os professores se atualizem e se capacitem em serviço, em qualquer modalidade de ensino que fosse. Afirma ainda que as experiências adquiridas em serviços dos professores que já trabalhavam com crianças e com qualidade, fossem aproveitadas.

Ainda hoje, há a necessidade de que os profissionais se habilitem, se qualifiquem, se aperfeiçoem, tenham uma formação atualizada, pois, constata-se ainda uma pequena parcela de profissionais considerados leigos trabalhando tanto nas pré-escolas quanto no ensino fundamental. Dessa forma, investir na carreira profissional é um desafio que se encontra presente diariamente, tendo em vista a exigência da profissionalização do professor.

Bezerra (2018) afirma que fazer educação é mais que ajudar as crianças a se conscientizar de sua importância, e dos demais para a construção de uma sociedade justa e solidária. É mostrar caminhos a seguir, mas também a escolher o que seja mais compatível com a sua vida, sua definição de mundo, seus valores e

com os vários obstáculos que irá encontrar. Nesse sentido, a arte de educar é preparar o aluno para exercer a cidadania, para a vida.

Nessa perspectiva, a ludicidade torna-se uma necessidade do ser humano e não pode ser conceituado como uma maneira de se divertir, mas como uma direção apontada para facilitar o aprender, o desenvolvimento tanto social, cultural e principalmente pessoal do educando. Além disso, ainda promove a saúde, eleva a auto estima e a confiabilidade em si mesmo possibilitando uma melhor comunicação, um modo de expressar-se sincero e a construção de conhecimentos de forma notória. (BEZERRA, 2015).

Atualmente, a formação lúdica vem sendo exigida e mais do que nunca, necessária na formação pessoal do profissional docente. Essa formação valoriza as vivências de aprendizagens mais significativas de forma dinamizada. Quanto mais a vivenciar mais oportunidade se dá de conhecer-se a si mesmo, de reconhecer as limitações e possibilidades, adquirindo uma visão mais clara da importância dos jogos para a vida de todo ser humano.

4.2- O papel do professor

Felizmente, hoje, muitas escolas brasileiras procuram transformar sua prática educacional, acreditando que toda criança pode aprender e que sempre é possível ajudá-la, pois os conhecimentos não estão prontos dentro dos indivíduos, nem vêm prontos de fora.

A aprendizagem escolar, no entanto, requer condições específicas: isso significa que todas as crianças podem aprender, mas não em quaisquer condições. A partir da reflexão nas aulas de ensino infantil e a aprendizagem escolar, o professor vai conhecendo as condições em que esta se dá, de modo a propiciar proveitosas situações de ensino. O papel do profissional docente nas escolas, não importa em qual seja a modalidade é de grande importância para a formação social dos alunos, ensinando-lhes a lidar com a vitória e a derrota, de trabalhar em equipe, de adotar a prática esportiva como meio de prevenir doenças, como obesidade e diabetes. DARIDO (2005),

O professor ao conhecer as condições em que ocorre a aprendizagem adquire uma visão mais ampla da importância do seu papel, da sua função, tornando-se mais apto a planejar melhor as estratégias que irá utilizar para promover

a aprendizagem significativa, dessa forma ensina melhor. Na verdade o aprendizado na educação infantil transcende teorias e métodos. Assim, o professor precisa intervir de forma mais efetiva junto à criança, sugerindo atividades criativas para serem trabalhadas em suas aulas.

Hora (2010) afirma que o professor é o ponto de ligação entre o aluno e a aprendizagem, a atuação do professor é indispensável visto que é dele também o papel de estruturar o caminho para a aquisição do conhecimento de seus alunos, é ele quem ajuda e organiza as ideias do educando a fim de provocar determinados estímulos que os levem ao desenvolvimento.

O primeiro passo que o educador deve dar é permitir o seu envolvimento com as brincadeiras e os jogos. Para isso, o professor precisa ampliar os seus conhecimentos, observar o quanto esse universo da ludicidade tem para explorar e com isso obter as informações necessárias e importantes ao brincar de forma dirigida ou espontaneamente. (ALMEIDA, 2004).

A diversidade dos jogos que existe é enorme e a sua aplicabilidade pode ser realizada em diferentes situações, de modo que possa ser estímulos para ambas as partes, tanto professor quanto para a criança e através deles pode-se avaliar as capacidades, potencialidades e competências das aprendizagens dos alunos envolvidos. Almeida (2004) afirma que através da brincadeira espontânea pode-se diagnosticar, analisar e fazer intervenções a forma como a criança convive, se socializa, trata a si mesmo e aos outros. Pode-se trabalhar os valores durante as vivências lúdicas e registrar os modos em que são tratados e tratam os que o cercam. Assim, faz-se a escolha de ações lúdicas que sejam mais adequadas para cada criança inserida, de modo a promover o respeito mútuo, e desenvolver a individualidade de cada criança.

Quanto às brincadeiras dirigidas devem ter um propósito. Devem estar voltados para a aquisição de conhecimentos específicos de forma que ajude no desenvolvimento de todos os aspectos da criança. O professor deve facilitar a brincadeira, orientar e dirigir no decorrer do processo de cada brincadeira. É importante deixar que as crianças também ponham em prática suas próprias brincadeiras, construindo, criando e inventando outras a partir de outras ou das existentes.

O importante é que seja oportunizado a criança brincadeiras para elas observarem e enriquecer as regras e normas que regem o jogo. O espaço tem que

ser estruturado de modo a estimular a criança a querer participar da brincadeira e escolher a que deseja fazer parte. Não é preciso que seja estimulado a competição, mas sim desenvolver modos de as crianças cooperar umas com as outras. Pois como diz Rego (1992) o mais importante no jogar, no brincar é participar.

É papel do professor estar atento à faixa etária dos alunos e expor durante as suas aulas materiais adequados para chamar a atenção das crianças. É muito importante que os jogos ou materiais expostos e disponíveis na sala de aula sejam suficientes para todos os alunos de modo que possa atender a toda diversidade, incentivando-os dessa forma a utilizar-se de outros tipos de materiais para confeccionar os seus jogos. (BEZERRA, 2015). É válido lembrar-se da importância que os materiais recicláveis tem na construção de jogos. São exemplos de materiais que podem favorecer a criatividade dos alunos. É importante valorizar as atividades dos estudantes, interessando-se por eles, animando-os pela dedicação, de modo que evite que os jogos se tornem competitivos, com ganhadores e perdedores.

Assim, de acordo com Bezerra (2015) na maioria das vezes o educador prioriza outras atividades, fazendo com que perda a oportunidade de refletir sobre o que e a maneira como os seus alunos brincam, fazem acontecer no processo de seu desenvolvimento, de observar a sua evolução, o como e quanto adquiriu em conhecimentos, em como melhorou a sua relação com os demais que estão ao seu redor e desse modo não percebe a importância da ludicidade para o desenvolvimento da criança. Portanto, o professor antes de qualquer coisa deve ter consciência e comprometimento com a sua prática pedagógica, visto que sua ação possui influência direta no processo da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado foi o resultado de uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de discutir as questões acerca do tema: a ludicidade e sua importância para o desenvolvimento infantil. O universo da pesquisa abrangeu uma variedade de autores que serviram de embasamento para o seu desenvolvimento.

A pesquisa mostrou que a diversidade de práticas pedagógicas que caracterizam o universo do ensino infantil reflete diferentes concepções quanto ao sentido e funções atribuídas ao movimento no cotidiano das escolas. A educação das crianças deve proporcionar uma integração em todos os seus aspectos, sejam eles, físicos, afetivos, cognitivos, emocionais ou sociais. Para tanto, se faz necessário planejar o que fazer com cada um deles.

Os cuidados físicos são privilegiados em diversas práticas, outras as necessidades emocionais. Por isso ao realizar este trabalho foi preciso procurar através das possibilidades quase infinitas que são os jogos, analisar mais profundamente o processo do conhecimento sobre o jogo desde quando pequenas ainda. É preciso que os professores busquem subsídios para auxiliá-los a encontrar espaço na escola para o lúdico, o jogo, a brincadeira.

O espaço, e como fazer para que as crianças brinquem e jogue na sala de aula é preciso ser construído, com compromisso, de modo que as atividades sejam criativas e estimulantes. O lúdico no ensino fundamental pode oferecer uma forma prazerosa de se aprender, de ser livre e sonhar. Desse modo, as crianças se socializam e desenvolvem tanto mentalmente como fisicamente. O lúdico é um importante instrumento pedagógico, que na maioria das vezes não é valorizado como devia. Ao usá-los deve ter objetivos claros e bem definidos.

Os cursos de formação do magistério e inclusive pedagogia, não ensinam o trabalho de forma lúdica. Os professores admitem que não sabem jogar e, portanto, têm dificuldade em lidar com jogos em sala de aula. Esse é um aspecto urgente que precisa mudar, além da falta de espaço para os jogos no Plano Político Pedagógico das escolas.

Apresenta-se as atividades lúdicas na escola como uma ferramenta que oferece condições para as aprendizagens serem significativas. Pois educar significa propiciar diversos tipos de situações. Ou seja, de jogos com a definição de objetivos

bem traçados, de modo que oriente a aprendizagem, contribuindo dessa forma para desenvolver as capacidades e competências das crianças.

Ao concluir este trabalho espera-se que possa ser de grande valia para pessoas que precisam ter conhecimentos sobre esse assunto, bem como para contribuir para outras pesquisas. Acredita-se que o tema é de grande interesse e pode colaborar para a melhoria da educação oferecida e possa reverter-se em um enriquecimento de discussões pedagógicas no interior das instituições.

A hora das vivências com jogos são momentos muito significativos na aprendizagem da criança, pois possibilita a vivência, os conhecimentos e deve permitir que os alunos reflitam sobre o que é viver em sociedade, entender o quão é gratificante se deixar envolver ao jogar, trabalhar de maneira igualitária quando aplicado em atividades grupais, em equipe, sem procurar aqueles que têm, mas habilidades, ou que seja melhores, o importante é mostrar a importância a cada um deles, e formar cidadãos cooperadores e menos individuais.

Diante de tudo que foi aqui exposto, pode-se afirmar que a ludicidade é essencial porque através dela pode-se ampliar as relações sociais, interações e formas de comunicação, proporcionando assim que as crianças sintam-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças, adultos e alunos, cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas no cotidiano de cada um.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ALMEIDA, M.T.P. **Jogos divertidos e brinquedos criativos**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ANDRADE, Luiz. **Riscar e aprender**. Nova escola. Abril. 2009.
- ANTUNES, Celso. **Ser professor hoje**. 2 ed. Fortaleza: IMEPH, 2008.
- ARAÚJO, Paulo. **Dança na escola: uma educação pra lá de física**. Revista Nova Escola. Setembro. 2005.
- ARIÈS, Philippe, **História social da criança e da família**. Jornal científico, literário e Ilustrado; educação da infância; Rio de Janeiro. Zahar. 1981.
- BEZERRA, Edson Alves. **A importância do jogo na Educação Infantil**. Disponível em: <http://www.hdbr.org.br/pdf>. Acessado em: 20/02/2018.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2011.
- CRUZ, Sílvia helena Vieira. **Desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Fortaleza: SEDUC, 2000.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Implicações para a Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro. Guanabara: Koogan, 2005.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 2009. (coleção Pensamento e ação na sala de aula).
- GURGEL, Thais. **Brincando com regras**. Nova escola. Dezembro. 2006.
- HORA, Vanessa Marques da. **O papel do professor nas aulas de Educação Física**. 8º Simpósio de Ensino de Graduação. 2010.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura. São Paulo. Perspectiva, 2004.
- KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. **Infância e produção cultural**. São Paulo: Papyrus, 1998.

LEAL, Telma Ferraz. **Jogos e brincadeiras no ensino da língua portuguesa**. Brasília. MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância. Universidade Federal de Pernambuco. 2006. (Coleção Pró-letramento. Fascículo 05).

LUCINEY, Esmeralda Silva. **Creche do Tijuco – pronta para receber as crianças**. Disponível em: <https://lucineyesmeraldas.wordpress.com/2016/07/08/>. Acesso em: 20/02/2018.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem & Desenvolvimento Infantil, Simbolismo e Jogos**. Porto Alegre: Prodil, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2012.

PROINFANTIL. Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício da Educação Infantil. **Guia Geral**. Brasília: MEC/SEB, 2005.

REGO, Teresa Cristina. **Brincar é coisa séria**. São Paulo: Fundação Samuel, 1992.

RIBEIRO, Marco Aurélio de Patrício. **Um tempo para os filhos**. Vida e Educação. Maio/Junho. 2007.

ROGALSKY, Rosania Kasdorf. **Jogos matemáticos**. Curitiba/PR. 2014. Disponível em: <http://www.atuacaovoluntaria.org.br/.pdf>. Acessado em: 20/02/2018.

SANTOMAURO, Beatriz. **O que não pode faltar**. Nova escola. Novembro. 2008.

SEDUC, Secretaria da Educação Básica. **Jogos e brincadeiras**. Série educação infantil. 1996.

SOUSA. **Conceito de Creche e Pré-escola**. Disponível em: <http://www.wikipédia.com.br>. Acessado em: 20/02/2018.